



# Chega de idiotice!

**Manuel Abranches de Soveral**

Em números redondos, num universo de pouco mais de 4 milhões de votos válidos, meio milhão de portugueses, ou seja, 1/8 deles, escolheram Ventura nas últimas presidenciais. Quase 2,5 milhões recolocaram Marcelo na presidência, resultado mais do que esperado. Ana Gomes angariou outro meio milhão, à custa do voto útil da extrema esquerda, por isso a grande derrotada destas eleições.

O desnorte e a idiotice apoderaram-se da esmagadora maioria dos comentadores políticos da noite eleitoral, com a possível excepção de Pacheco Pereira, que no meio de algumas baboseiras disse coisas lúcidas. Na verdade, a primeira conclusão a tirar dos resultados eleitorais é que a candidatura de Ventura contribuiu, mais do que qualquer outra coisa, para que a abstenção não fosse tão elevada como se previa e, portanto, para a vitória de Marcelo por números muito confortáveis. A segunda conclusão é que essa mesma candidatura obrigou a extrema esquerda ao voto útil em Ana Gomes, desguarnecendo assim as

candidaturas da sua área. Fenómeno que no futuro pode beneficiar o PS, se a mesma circunstância se verificar.

Para Ventura, congregar meio milhão de votos é objectivamente uma enorme vitória. Sobretudo tendo em conta a forma desigual como foi tratado nos meios de comunicação durante a campanha e pré-campanha e, para mais, a ideia que todos os comentadores e políticos do regime quiseram fazer passar de que se trata do líder de um partido político perigoso, antidemocrático, que inclusive devia ser proibido.

Esta foi sempre a estratégia e a narrativa da esquerda. Ainda me lembro dos tempos em que o CDS era por eles considerado um partido de fascistas e o seu congresso do Porto foi cercado e assaltado. E que o PPD era também por eles considerado um partido da extrema direita fascizante, que devia ser combatido e perseguido de todas as formas possíveis, legítimas e ilegítimas.

E esta foi a estratégia e a narrativa que a esquerda manteve ao longo dos anos, sempre com sucesso, razão por que quer o CDS quer o PSD se foram chegando às suas teses e progressivamente aceites na convivência do politicamente correcto, e em Portugal durante muito tempo não vingou nenhum partido de direita que não entrasse neste jogo. E quando num daqueles partidos emergia alguém que minimamente punha em causa a auto-proclamada superioridade moral da esquerda, como foi o caso de Passos Coelho, imediatamente se assanhava toda a horda de vigilantes da ortodoxia para estigmatizar o dissidente tanto quanto possível.

Ficou portanto a esquerda perplexa quando tão testada estratégia não só não deu o resultado esperado com Ventura, como até o parece ter beneficiado, como argutamente apontou Pacheco Pereira.

Na verdade, o mais significativo facto destas eleições é o inegável papel principal que nelas desempenhou Ventura, transformado pela esquerda na figura central da campanha e pré-campanha e, por isso, condicionando de forma decisiva o comportamento do eleitorado. Desde logo, o

eleitorado da extrema esquerda que, como já referi, transferiu o seu voto para a socialista e europeísta Ana Gomes. Depois, o eleitorado de Marcelo, que em vez de ficar em casa numa eleição garantida, se deu à maçada e ao perigo de ir votar. Finalmente, o caso de Ventura, que além dos seus fiéis recebeu muitos votos de protesto contra a esquerda sobranceira e arrogante e em geral contra um sistema viciado, que se diz democrático mas não quer aceitar confrontos políticos que saiam da sua panelinha.

Em boa verdade, essa extrema esquerda e não só, se pudesse, ou seja, se vivesse na China ou na antiga União Soviética, ficava muito contente em poder mandar o meio milhão que votou em Ventura para campos de reeducação ou para a Sibéria!

Lendo o programa do partido Chega, podemos não concordar com ele, no todo ou em parte. Mas nada do que lá está permite, objectivamente, concluir que se trata de um partido antidemocrático, e muito menos de extrema direita ou fascista. É claro que, se tirarmos conteúdo ao conceito de extrema direita e apenas lhe dermos um significado relativo na distribuição das forças partidárias num determinado momento e local, o Chega está na extrema da direita, ou seja, mais à direita do que os restantes partidos. Só isso. Como, no polo oposto, estão o PC e o Bloco. Mas aqui cabendo ambos no conceito clássico de extrema esquerda.

Ainda mais imbecil é dizer que o Chega ou Ventura são inconstitucionais, apenas porque defendem uma Constituição diferente. Porque o Chega não defende uma revolução. O 25 de Abril, esse sim, foi anticonstitucional. O Chega defende a revisão da constituição segundo os mecanismos previstos na própria Constituição. Sendo que, na verdade, a actual Constituição é um atavismo insuportável, que não permite a um governo de direita, se vier a ser eleito, cumprir o programa com que foi votado. E isso, sim, é antidemocrático!

É também risível a acusação de que Ventura é um aldrabão, um troca-tintas, que hoje diz uma coisa e amanhã diz outra. Mas não é isso, justamente, que todos os políticos fazem?! E quanto melhor o fazem mais populares são? Afinal, há maior aldrabão e troca-tintas do que António Costa?! E maior videirinho do que Marcelo?! Em boa verdade, se para um político ter sucesso eleitoral fosse preciso ter razão antes do tempo e ser consequente, coerente, corajoso, assertivo e inflexível, provavelmente muitos dos meus caros leitores, e até eu, estaríamos na política...

Mais imbecil ainda é rotular meio milhão de portugueses de fascistas, racistas, xenófobos, antidemocráticas e sei lá mais o quê. Mais grave ainda: ao fazê-lo não só estão a banalizar estes conceitos como, possivelmente, a integrá-los na consciência desse meio milhão que, porventura fartos de negar a mentira, acabam por aceitar o falso rótulo.

Também muito pouco acerto teve a generalidade dos comentadores da noite eleitoral (sempre os mesmos, mas felizmente não apareceu nenhum médico!) no que toca à potencial importância política deste meio milhão de votantes em Ventura. É evidente que parte destes não serão naturais votantes do Chega. Mas isso é irrelevante, tendo em conta a actual situação pandémica e sobretudo a gravíssima crise económica e social que aí vem.

Na verdade, os próximos tempos, que claramente se entenderão até às legislativas, sejam ou não antecipadas, serão marcados em Portugal por duas directrizes essenciais: um crescente e tendencialmente descontrolado descontentamento popular e um desmesurado intervencionismo do Estado socialista. Ora, não é preciso ser muito inteligente para perceber que é um partido como o Chega, sobretudo depois de ter já atingido a massa crítica necessária, que mais vai capitalizar nesta situação. Tanto mais que a oposição que resta, depois de o CDS já ter entregue a alma ao Criador, ou seja, o PSD, quer pela sua natureza quer pela sua liderança, estar impelido irremediavelmente, sob a batuta de Marcelo, a cair na

armadilha da "salvação nacional" e assim apoiar, implícita ou explicitamente, o governo socialista/comunista.

Não é por acaso que os seus inimigos chamam populista ao Chega e ao Ventura. São de facto populistas. A questão, mais uma vez, é que todos os políticos são populistas, e são tanto mais populistas quanto mais sucesso têm. Mais uma vez: há maior e mais fino demagogo do que Costa?!

É a velha questão da demagogia, que já vem da Grécia clássica. O insucesso eleitoral da direita, crescente sobretudo a partir do último quartel do século passado, deveu-se justamente à sua incapacidade tendencial de ser demagógica, ou seja populista, deixando este trunfo eleitoral em exclusivo para a esquerda. É portanto muito irónico, para não dizer patético, que a esquerda se venha agora queixar quando a direita finalmente seguiu o seu exemplo... E o centrão actue como menino mimado, que não vê recompensado nas urnas o seu alegado bom comportamento no que toca a demagogia...

A tudo isto junta-se a incapacidade que a esquerda em particular e o centrão em geral têm em perceber os seus próprios erros e insuficiências e, sobretudo, em entender minimamente o eleitorado mais à direita e mais descontente, que eles desprezam e invariavelmente subestimam e paternalizam. O que, obviamente, é uma enorme vantagem para o Chega, por muito odiado e difamado que seja. Fica-se até com a impressão indelével de que as críticas e despautérios da esquerda e dos sacristões de serviço funcionam junto do eleitorado de direita como uma espécie de garante da justeza do Chega...

Porto, 25.1.2021